



REX STOUT
A LIGA DOS
HOMENS ASSUSTADOS

tradução de

FERNANDA PINTO RODRIGUES

LIVROS DO BRASIL

A Liga dos Homens Assustados

Rex Stout

Publicado em Portugal por

Livros do Brasil (www.livrosdobrasil.pt)

Título original: *The League of the Frightened Men*

© Rex Stout, 1935

© Porto Editora, 2016

Capa: Luís Alegre/Ideias com Peso

Fotografia do autor: © Time Life Pictures/GettyImages

1.ª edição na Livros do Brasil/Porto Editora: novembro de 2016

Livros do Brasil é uma chancela da Porto Editora

Email: editora@livrosdobrasil.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 415770/16
ISBN 978-972-38-2971-6

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Naquela sexta-feira à tarde Wolfe e eu estávamos sentados no escritório. Os acontecimentos demonstrar-nos-iam que, fosse como fosse, estava escrito que, em breve, tomaríamos conhecimento do nome de Paul Chapin e dos seus engenhosos e profícuos métodos de se vingar impunemente e pela medida grande. No entanto, naquela tarde de sexta-feira, as primeiras chuvas de novembro e a falta de negócios proveitosos — falta que começava a tornar-se penosa, de tão prolongada — combinaram-se para nos proporcionar uma introdução — um prólogo, não uma parte da ação principal — ao espetáculo prestes a começar.

Wolfe bebia cerveja e admirava gravuras de neve reproduzidas num livro que alguém lhe enviara da Checoslováquia; eu dava uma vista de olhos, enfasiado, ao jornal da manhã.

Fitei Wolfe durante instantes e, por fim, perguntei-lhe:

— Leu a notícia acerca de um homem chamado a depor por causa de um livro obsceno? O advogado perguntou-lhe qual fora o seu objetivo ao escrever semelhante livro e ele respondeu que cometera um assassinio, que todos os assassinos têm de falar dos seus crimes e aquela era a sua maneira de falar do seu. Confesso que não percebo bem a pergunta acerca do objetivo que o levou a escrever o livro. Se um livro é porco, é porco. Que diferença faz que o seja por isto ou por aquilo? O advogado

alegou que o carácter obsceno não interessa, se o autor escreveu o livro com um objetivo literário digno. Equivale a dizer que o facto de lhe acertar com uma pedra num olho não tem importância desde que o meu objetivo, ao atirá-la, tenha sido acertar numa lata. Ou que, se o meu objetivo fosse comprar um vestido de seda para a minha avó pobrezinha, não teria importância se roubasse as esmolas de uma bandeja do Exército de Salvação. Ou que...

Calei-me, pois conseguira o que pretendia. Wolfe não levantou os olhos da página que lia, não mexeu a cabeça, e o seu corpanzil, instalado na enorme cadeira feita de encomenda, não teve o mínimo estremecimento; mas vi o seu indicador direito agitar-se levemente — a sua varinha ameaçadora, como uma vez lhe chamara — e compreendi que conseguira o que pretendia. Ordenou-me:

— Cala-te, Archie.

— Não pense nisso — redargui, sorrindo. — Meu Deus, julga que vou ficar para aqui sentado até morrer? Quer que telefone aos Pinkertons¹ e lhes pergunte se desejam um quarto de hotel vigiado, ou qualquer coisa do género? Quando se tem uma barrica de dinamite em casa deve-se contar com um estrondo, mais cedo ou mais tarde. É isso que eu sou, uma barrica de dinamite. Posso ir ao cinema?

A grande cabeça de Wolfe inclinou-se para a frente um décimo de centímetro, o que nele era um aceno muito enfático.

— Faz favor. Podes ir imediatamente!

Levantei-me, atirei o jornal do meio da sala para cima da minha secretária, virei-me e sentei-me de novo.

— Que havia de mal nas minhas analogias? — indaguei.

¹ Referência à Agência Nacional de Detetives Pinkerton, fundada nos EUA em 1850 por Allan Pinkerton. (*N. do R.*)

Wolfe virou outra página, enquanto murmurava, paciente-mente:

— Digamos que, como analogista, és superlativo. Digamos isso.

— Muito bem, digamos que sim, que sou. Não estou a tentar provocar uma discussão. De modo nenhum! Estou pura e simplesmente a ir-me abaixo, a rebentar, devido à tensão resultante de tentar descobrir um terceiro modo de cruzar as pernas. Há mais de uma semana que não faço outra coisa. — Lembrei-me, de súbito, que semelhante problema não aquecia nem arrefecia Wolfe, pois as suas pernas eram tão gordas que não havia possibilidade nenhuma de as cruzar, fosse qual fosse a tática usada, mas decidi não mencionar tal facto e mudar de assunto. — Fico na minha: se um livro é porco, é porco, por muitos que tenham sido os objetivos do autor. O tipo que prestou, ontem, declarações a esse respeito era chalado. Não acha? Ou então queria grandes cabeçalhos nos jornais, custasse o que custasse. Por sinal, custou-lhe cinquenta mangos, por desrespeito ao tribunal. E mesmo assim saiu-lhe barata a publicidade ao livro; por cinquenta dele conseguiria uns dez centímetros de espaço na página literária do *The Times*, e sem cabeçalhos. Mas eu acho que o tipo era um artolas. Disse que cometera um assassinio e, como todos os assassinos têm de confessar, escrevera o livro mudando as personagens e as circunstâncias, para fazer uma confissão sem se arriscar. O juiz mostrou-se espirituoso e sarcástico e disse-lhe que, mesmo que inventasse histórias, não precisava de se armar em bobo. Aposto que os advogados deram uma boa gargalhada quando ouviram o gracejo, hem? Mas o autor teimou que não estava a brincar, que tinha sido por esse motivo que escrevera o livro e qualquer obscenidade nele contida era apenas accidental, que mandara realmente um tipo desta para melhor. Por isso o juiz aplicou-lhe a pastilha: cinquenta mangos por desrespeito ao

tribunal e toca a andar! Quanto a mim, o indivíduo é chalado. Que lhe parece?

Wolfe inflou a enorme peitaça, num suspiro, pôs uma marca no livro, fechou-o e colocou-o em cima da secretária. Depois recostou-se, devagarinho, na cadeira e pestanejou duas vezes.

— Então? — murmurou.

Fui à minha secretária buscar o jornal e abri-o na página em questão.

— Talvez não seja nada, estou convencido de que ele é chalado. Chama-se Paul Chapin e escreveu diversos livros. O título deste é *O Diabo Vai na Garupa*. Licenciou-se em Harvard em mil novecentos e doze e é estrop. No artigo aludem à sua perna aleijada, mas não dizem qual é.

— Presumo que estrop seja a abreviatura de estropiado e que queiras dizer que o homem é aleijado? — perguntou Wolfe, de lábios franzidos.

— Não sei se é abreviatura, se não, só sei que estrop é aleijado, no meu círculo.

Wolfe suspirou de novo e iniciou o complicado processo de se levantar da cadeira.

— Graças a Deus as horas poupam-me a mais analogias e expressões de gíria.

No relógio da parede faltava um minuto para as quatro, hora a que se dirigia para as estufas. Levantou-se e puxou as pontas do colete para baixo, mas como de costume não conseguiu encobrir a prega da camisa amarelo-viva, que lhe saíra das calças. Encaminhou-se para a porta e, antes de sair, ordenou-me:

— Telefona para a Murger's e pede que mandem imediatamente um exemplar de *O Diabo Vai na Garupa*, de Paul Chapin.

— Talvez não mandem. Ficou pendente de decisão judicial...

— Não digas tolices! Fala com o Murger ou com o Ballard. Para que serve um julgamento por obscenidade a não ser para popularizar a literatura?

Dirigiu-se para o elevador e eu sentei-me à secretária e estendi a mão para o telefone.